Posicionamento telejornalístico: o Jornal Nacional e o dilema entre a cobertura da Copa das Confederações e a cobertura das manifestações populares[1]

Rosane Martins de JESUS[2]
Universidade Estadual do Piauí

Resumo

A partir do momento que o jornalismo constrói versões acerca da realidade, ele acaba construindo narrativas. No telejornalismo, não é diferente. Neste artigo, apresenta-se uma análise das edições do Jornal Nacional (JN) exibidas entre os dias 15 e 22 de junho de 2013, com o objetivo de mostrar como o JN se posicionou diante do dilema entre cobrir a Copa das Confederações e cobrir as manifestações populares que ocorreram no Brasil, concomitante ao evento esportivo. Após a análise, concluiu-se que o JN, aos poucos, diminuiu a cobertura da Copa das Confederações e de modo geral, reforçou, ao longo das edições analisadas, que as manifestações populares eram movimentos pacíficos. No entanto, ao atrelar as informações de pacificidade – presente nos offs – às imagens de atos violentos, contribuiu para a construção de novas representações.

Palavras-chave

Telejornalismo; Jornal Nacional; Newsmarking; Posicionamento discursivo;

Introdução

A partir do momento que o jornalismo constrói versões sobre a realidade, ele constrói narrativas acerca dos acontecimentos. Considerando que no telejornalismo, essas narrativas são expostas por meio dos discursos e das imagens, percebe-se que quando algo é reportado pela TV, deve-se que ter atenção redobrada, tanto no que diz respeito à forma como se diz, quanto no que se refere à escolha das imagens que serão veiculadas, pois são essas narrativas construídas a partir do que é apresentado que ajudam a estabelecer o imaginário coletivo acerca de determinados fatos.

Para Verón (1980, p.220) "todo discurso se enuncia no imaginário. Só que este imaginário é socialmente construído e é específico de cada tipo de discurso". Ainda segundo Verón (1983), o acontecimento é construído no e pelo discurso.

Observa-se que quando se procura na memória coletiva algum episódio marcante da História do Brasil, a grande maioria da população brasileira busca no jornalismo sua principal referência. Cabe ressaltar que o Jornal Nacional (JN) é o telejornal de maior

[1] Trabalho apresentado ao GP Telejornalismo, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre em Comunicação, pela Universidade Federal do Ceará. Professora do curso de Comunicação Social, da Universidade Estadual do Piauí. Líder do Grupo de Pesquisa "Memórias e narrativas: o jornalismo enquanto fonte e objeto da História".

audiência da televisão brasileira e que o mesmo ainda possui muita credibilidade, especialmente entre a maioria dos brasileiros. Como destaca Hernandes (2006, p.133), cotidianamente "comenta-se sobre o que o 'JN disse...' ou o que 'o JN mostrou'. Portanto, qualquer coisa que aparece durante o programa é compreendido pelos telespectadores como enunciada pelo jornal".

Importante destacar que tanto o JN, quanto outros telejornais, exercem certa influência sobre as conversas das pessoas, se levar em consideração a capacidade que a mídia e seus programas têm de pautar as conversas do cotidiano. Além do agendamento característico da mídia, há acontecimentos que, por si só, já proporcionam o agendamento pelos *mass media*, proporcionando coberturas especiais.

No que se refere às grandes coberturas, no dia 15 de junho de 2013, o JN iniciou uma cobertura especial sobre a Copa das Confederações, mas, em plena realização do evento esportivo, as ruas do Brasil foram ocupadas por manifestantes que protestavam contra o aumento das passagens de transporte público, contra a PEC (Projeto de Emenda Constitucional) nº 37, contra gastos excessivos nas construções dos estádios e que defendiam melhorias na educação, na saúde, no transporte público, dentre outras causas. Importante salientar que tamanha participação popular – em manifestações de protesto – não era vista no Brasil, na mesma proporção em que se viu em meados de junho de 2013, desde a Campanha Diretas Já, ocorrida em 1984 e o movimento pelo *Impeachment* do então Presidente da República, Fernando Collor de Melo, realizado em 1992. Assim, diante da grandeza das manifestações que aconteciam no Brasil e da repercussão dessas nas redes sociais e na imprensa internacional, o JN mudou o planejamento para a cobertura da Copa das Confederações e passou a cobrir com destaque as manifestações populares.

Desse modo, considerando que "cada suporte constrói os fatos à sua maneira" (FAUSTO NETO, 1991, p.34) e considerando ainda que "o Jornal Nacional tem por objetivo mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção" (BONNER, 2009, p.17), neste artigo, buscou-se mostrar como o JN se posicionou diante do dilema entre cobrir a Copa das Confederações e cobrir as manifestações populares que ocorreram no Brasil, concomitante ao evento esportivo. Procurou-se destacar, também, quais os recursos telejornalístico mais utilizados para cobrir as manifestações e como esses recursos contribuíram para as construções de sentidos e representações para as manifestações e para os manifestantes.

Para tanto, foram analisadas as edições do JN, exibidas entre os dias 15 e 22 de junho de 2013.

Construindo sentidos e pautando agendamentos

Diariamente, o telejornalismo leva às pessoas, os relatos sobre fatos que aconteceram no mundo. Tais relatos constituem versões para uma realidade que é inalcançável ao jornalismo, pois ao relatar, reportar, só se consegue transmitir representações, narrativas acerca dos fatos. Mesmo diante de todo um discurso de imparcialidade, o produto telejornalístico, seja ele a reportagem, seja ele o próprio telejornal, nunca deve ser visto como a própria realidade, mas como uma representação, e como toda versão, tal produto é permeado por construções de sentidos. Cabe ressaltar que essa afirmativa não é privilégio do telejornalismo, sendo verdadeira para todo e qualquer produto jornalístico.

Entretanto, no telejornalismo esses sentidos estão intrínsecos nas imagens, nos offs, nas sonoras e nas passagens. Enfim, estão presentes na reportagem como um todo e são refletidos por ela. Nesse ponto, após a exibição das telereportagens, pode-se dizer que os sentidos construídos repassam impressões e podem pautar conversas, se levar em consideração que o jornalismo tem a capacidade de pautar as conversas do cotidiano e de criar, em determinados momentos, agendas midiáticas. Tal habilidade da mídia foi atestada pela hipótese do *agenda-setting* que, no âmbito das teorias da comunicação, defende que:

> em conseqüência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descura, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (SHAW apud WOLF, 1992, p.130).

Importante acrescentar que para B. Cohen (apud WOLF, op. cit, idem), a imprensa pode não dizer como pensar, mas tem uma capacidade inegável para dizer sobre que temas se devem pensar. Dessa forma, a mídia acaba por influenciar a médio e longo prazo, na escolha dos assuntos que serão incluídos nas agendas individuais.

Porém, na última década, diante do contexto atual, marcado principalmente pela popularização das redes sociais, a hipótese do *agenda-setting* vem perdendo a validade, em

determinados aspectos. Em primeiro lugar, ainda é verdade que a mídia exerce influência sobre as pessoas, mas, de modo geral, as pessoas não mais se informam somente pela mídia tradicional. Assim, as redes sociais passaram a ser espaços de debate, construção crítica, mobilização e informação. Embora, nem tudo que se leia nas redes sociais seja confiável, a quantidade de informação repassada pelas redes aumenta a cada dia. Já o segundo aspecto diferenciado, diante do contexto, diz respeito a pautar assuntos, tendo em vista que, atualmente, a sociedade é que, de certo modo, acaba pautando os assuntos que serão debatidos pela e na mídia. E muitas dessas pautas, têm origem nas próprias redes sociais; são suscitadas e estimuladas por elas.

Ressalta-se que ao passo que aborda temas, o jornalismo constrói sentidos para aquilo que pauta. Tais sentidos estão diretamente ligados à forma como é apresentado, ou seja, a maneira como o próprio jornalismo enquadra os assuntos. Neste ponto, Porto (2004, p.78), pontua que os enquadramentos "são entendidos como marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações sociais". Ainda quanto ao enquadramento, Azevedo (2004) destaca que a noção de *agenda-setting* está ligada ao pressuposto de que ao adotar enquadramentos positivos e negativos sobre temas, acontecimentos e atores, a mídia constrói atributos (positivos ou negativos) acerca desses objetos.

Fundamental destacar que no que se refere à construção de sentidos, a própria notícia é uma construção social (PONTE, 2005). Mas, tal construção, seja qual for o suporte jornalístico ao qual se destina, é pautada por critérios como noticiabilidade, valores-notícia, construção da audiência, parâmetros organizacionais e rotinas de produção. Tais critérios são objetos de estudo da teoria da comunicação conhecida como *newsmarking*. Wolf (2002) ao falar sobre essa teoria leva em consideração o fato do jornalismo ser uma construção social, ao invés de ser espelho dessa realidade. Tranquina (2004), Ponte (2005) e Souza (2000) também veem o jornalismo como uma construção social. Mas, embora seja regida por critérios, a produção jornalística não é um processo mecânico. Como destaca Pena (2010), tal processo é interativo, depende das rotinas profissionais, das iniciativas dos jornalistas, das demandas da sociedade, entre outros fatores.

É importante ressaltar que o jornalismo enquanto atividade comunicativa tem no discurso sua mais importante ferramenta. "O discurso não é uma das funções entre outras da instituição midiática; é o seu principal produto e o resultado final do seu funcionamento" (RODRIGUES, 2002, p.217). No entanto, como já se afirmou acima, esta produção não é

totalmente livre, pois "todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge" (CHARAUDEAU, 2006, p.67).

Interessante salientar que quando as situações específicas nas quais o discurso surge estão relacionadas a momentos de tensões sociais, envolvendo manifestações populares, por exemplo, a escolha das imagens, das palavras e a própria construção de sentido podem refletir posicionamentos adotados pela fonte emissora no decorrer da cobertura da referida manifestação. Como destaca Bourdieu (1997, p.28) a imagem "pode fazer ver e fazer crer no que faz ver [...] e a simples narração implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou de desmobilização)". Assim, quando se refere ao telejornalismo, tais posicionamentos podem estar vinculados tanto às imagens, quanto as palavras. No entanto, os sentidos construídos estão ligados ao conjunto imagem e palavra.

Ainda no que se refere à relação manifestações populares e televisão, Bourdieu (1997, p.30) afirma que:

> os que ainda acreditam que basta se manifestar sem se ocupar da televisão correm o risco de errar o tiro: é preciso cada vez mais produzir manifestações para a televisão. Isto é, manifestações que sejam de natureza a interessar às pessoas de televisão, dadas as suas categorias de percepção, e que retomadas, amplificadas por elas, obterão sua plena eficácia.

O que se observa no caso das manifestações populares – ocorridas no Brasil, ao mesmo tempo em que aconteceu a Copa das Confederações 2013 no País –, é que as mesmas foram pensadas e geradas no interior das redes sociais. No entanto, elas só alcançaram visibilidade e eficácia quando levaram milhares de pessoas as ruas, conquistando lugar privilegiado na agenda midiática, especificamente na televisão, com acompanhamento ao vivo das manifestações.

O JN e o dilema entre a Copa das Confederações e as manifestações populares

Para cobrir a Copa das Confederações 2013, cuja abertura oficial ocorreu no dia 15 de junho de 2013, o Jornal Nacional (JN) planejou uma cobertura especial para reportar o evento. Dentre os planos, o jornalista William Bonner viajaria pelo Brasil, acompanhando a seleção brasileira de futebol e ancorando o JN, ao vivo, das cidades sede da Copa das

Confederações (Brasília, Fortaleza, Belo Horizonte, Recife, Salvador e Rio de Janeiro), onde a seleção brasileira estivesse.

Assim, em 15/06/2013, William Bonner ancorou o JN ao vivo de Brasília. Essa edição foi dedicada à abertura da Copa das Confederações, sendo que a maioria das reportagens apresentadas, naquela noite, buscou explicitar que o Brasil vivia um clima de animação e festa. Tal inferência pode ser constatada na reportagem de Tino Marcos, onde o mesmo ressaltou que havia "um país inteiro festejando". Enquanto isso, Bonner reforçou a calmaria em Brasília: "falando de tranquilidade, aqui é um silêncio, é mais tranquilo do que a redação do JN. É mais fácil apresentar o telejornal daqui".

Importante salientar que durante o dia 15/06/2013, Brasília viveu momentos de tensão, com manifestações nas imediações do estádio Mané Garrincha e nas principais avenidas da capital federal. Quanto a essas manifestações, na edição de 15/06/2013, o JN – telejornal de maior audiência da mídia brasileira – dedicou somente alguns segundos a essa pauta, tendo em vista que as mesmas foram referenciadas apenas em um trecho da reportagem de Claudia Bontempo. Porém, mesmo assim, a manifestação foi apresentada como se tudo não tivesse passado de um grande susto, ressaltando inclusive que a polícia enfrentou tudo de forma pacífica.

Cabe destacar que no 2º bloco do JN (15/06/2013), falou-se, ainda, em nota coberta, sobre os protestos – ocorridos na noite do dia 14/06 – contra o aumento da passagem do transporte público, em Belo Horizonte. Logo em seguida, foi exibida reportagem também sobre as passeatas contra o aumento da passagem do transporte público, ocorridos nas capitais: Recife, Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Rio de janeiro e São Paulo. Pondera-se ressaltar que todas as manifestações foram definidas como mobilizações pacíficas. No final do 2º bloco, Bonner entrevistou ao vivo o técnico da seleção brasileira de futebol, Luis Felipe Scolari. E, a partir do 3º bloco, apenas em três momentos a Copa das Confederações não predominou: previsão do tempo; nota coberta sobre a eleição do Irã e uma reportagem extensa sobre protestos na Turquia.

Ao final da edição do dia 15/06/2013, inferi-se que o JN buscou mostrar que as manifestações violentas estavam do outro lado do Atlântico, especificamente na Turquia, em virtude do destaque dado a esse assunto pelo jornal. Por outro lado, no Brasil, havia uma mistura de tranquilidade, alegria e comemoração, ligada diretamente ao início da Copa das Confederações e a vitória da seleção brasileira, no jogo de abertura do evento esportivo. Contudo, vale lembrar que o JN também destacou as manifestações de protesto ocorridas

em Brasília. No entanto, naquele determinado momento, apresentou-as como manifestações pontuais, que não passaram de um grande susto, e que foram logo solucionadas.

Importante ressaltar que as manifestações iniciaram antes da abertura da Copa das Confederações, organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), e tinham como ideia central, protestar contra o aumento da passagem do transporte público, em São Paulo. E, a partir daí, foi se estendendo para outras capitais, inicialmente, como forma de apoio ao MPL. No entanto, os protestos cresceram com tanta amplitude que as ideias dos manifestantes aumentaram e eles passaram a atrelar outras causas às manifestações.

Até a noite do dia 17/06/2013, o planejamento estabelecido para a cobertura da Copa das Confederações foi cumprido pelo JN. No entanto, na edição desse mesmo dia, houve uma redução no tempo dedicado à cobertura da Copa das Confederações, pois em 17/06/2013, as manifestações levaram milhares de pessoas às ruas de diversas cidades, inclusive com manifestantes ocupando os gramados do Congresso Nacional, em Brasília.

Assim, o 1º bloco foi dedicado às manifestações. Ocorrendo apenas dois flashes com William Bonner, ao vivo de Fortaleza: o primeiro para dar boa noite aos telespectadores e informar que estava em Fortaleza acompanhando a seleção brasileira, e o segundo para fazer uma chamada, acerca da Copa das Confederações, para o bloco seguinte. Importante pontuar que ainda no 1º bloco, houve uma entrada ao vivo do repórter Fábio Turci, narrando as imagens áreas da manifestação em São Paulo. Na ocasião, o repórter informou que os manifestantes iam em direção aos escritórios da Rede Globo, em São Paulo, e que gritavam palavras de ordem contra a emissora.

Nesse ponto, destaca-se que os protestos foram planejados e agendados por meio das redes sociais, especialmente por meio do facebook. Tais ataques verbais a Rede Globo e ao JN foram motivados por diversos fatores históricos e também pela participação da emissora na cobertura da Copa das Confederações, pois de certo modo, ao enfatizar a Copa, o JN mascarava a amplitude dos protestos, contribuindo para a construção de uma imagem festiva para o Brasil, em virtude da realização do evento esportivo.

Assim, logo após a veiculação das imagens áreas das manifestações e da informação que as pessoas se manifestavam contra a Rede Globo, Patrícia Poeta deu uma explicação editorial. Poeta enfatizou que desde o início das manifestações, o JN vinha acompanhando e cobrindo os protestos com isenção, pluralidade, clareza e correção e que o JN continuaria cumprindo seu papel dando espaço as diversas vozes dos movimentos.

Importante destacar que todas as reportagens, que abordaram as manifestações na edição de 17/06/2013, reforçaram que o movimento foi pacífico durante boa parte da manifestação, mas que no final, um pequeno grupo transformou o cenário em um "campo de guerra". Tal ideia era enfatizada com números, quando repórteres e âncoras afirmavam, por exemplo, que "100 mil pessoas participaram do evento pacífico, e ao final, 300 pessoas promovem atos de violência".

No 2º bloco, ainda da edição de 17/06/2013, houve um equilíbrio entre a pauta das manifestações e a pauta da Copa das Confederações. Enquanto Patrícia Poeta falava sobre as manifestações ocorridas em Belém, Vitória, Maceió, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Fortaleza, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. William Bonner, ao vivo de Fortaleza, apresentava reportagens sobre o jogo Taiti e Nigéria, sobre o treino da seleção brasileira e falava da união entre Marcelo e Neymar, jogadores da seleção. Já no 3º bloco, houve espaço para assuntos internacionais, dentre eles: protestos na Turquia e guerra civil na Síria. E, no 4º bloco, voltou-se a falar sobre a Copa das Confederações, enquanto no 5º bloco, Patrícia Poeta destacou e mostrou as manifestações que ocorriam no Brasil, com destaque para os protestos em Brasília (cujas imagens eram apresentadas em flashes ao vivo, desde o 1º bloco) onde manifestantes ainda ocupavam o gramado da Esplanada dos Ministérios, faziam fogueiras e ocupavam o teto do Congresso Nacional.

Ao final do JN do dia 17/06/2013, pode-se perceber uma divisão clara de pautas: enquanto William Bonner ficou com a pauta da Copa das Confederações; Patrícia Poeta ficou com a pauta das manifestações. Observa-se também que a participação de Bonner, na edição, foi reduzida a pequenas entradas ao vivo. Entretanto, tais participações promoveram uma quebra no ritmo do jornal, deixando claro um desconforto por parte do âncora, pelo fato do mesmo está em Fortaleza, falando da Copa das Confederações, enquanto o País vivia um momento histórico, com milhares de pessoas ocupando as ruas das principais cidades e ocupando, inclusive, os gramados da Esplanada dos Ministérios e o teto do Congresso Nacional, em Brasília.

Foi nesse contexto, que em 18/06/2013, o apresentador William Bonner que estava escalado para acompanhar a seleção brasileira, voltou a bancada do JN e explicou ao vivo os motivos que o levaram a mudar os planos definidos há cerca de dois anos, para a cobertura da Copa das Confederações (Bonner também é o editor-chefe do JN). Segundo Bonner, todo o planejamento precisou ser revisto diante das manifestações que aconteciam em todo o País paralelo a Copa das Confederações. Ainda de acordo com o jornalista,

diante dos acontecimentos, a equipe do JN achou melhor que ele voltasse ao estúdio para acompanhar de perto a cobertura das manifestações. Desse modo, a partir daquela edição, o comentarista esportivo Galvão Bueno ficou responsável por ancorar as notícias acerca da Copa das Confederações e da seleção brasileira, no âmbito do JN.

Importante reforçar que as manifestações, ao serem realizadas concomitantemente com a Copa das Confederações, conseguiram espaço tanto na mídia nacional, quanto na mídia internacional, tendo em vista que a imprensa internacional estava presente no País, para cobrir o evento esportivo. Assim, as manifestações foram ganhando força e um número maior de adeptos.

Observa-se que a partir da terça-feira, dia 18/06/2013, a Copa das Confederações foi perdendo espaço no JN e ocupando cada vez mais o papel de coadjuvante na cobertura telejornalística do referido telejornal. Enquanto isso, a cobertura das Manifestações Populares foi conquistando o papel de protagonista. Nas edições do dia 18/06 e 19/06, as manifestações e seus desdobramentos passaram a ser a pauta principal, mesmo com a vitória da seleção brasileira, na Copa das Confederações.

Pode-se dizer que o ponto alto da cobertura das manifestações foi a edição de 20/06/2013. Cabe destacar que no final da tarde do dia 20/06, a programação da Rede Globo foi interrompida para dar lugar às transmissões ao vivo dos protestos que aconteceram concomitantes em 70 cidades brasileiras. Às 17h49, a novelinha Malhação saiu do ar, e nesse dia, não foram exibidos os capítulos das novelas Flor do Caribe (18h) e Sangue Bom (19h). Importante salientar, ainda, que desde às 16h, a emissora já vinha divulgando flashes ao vivo dos protestos.

Cabe destacar que

> quando a televisão transmite ao vivo, o efeito de presença é tal que toda distância espacial fica abolida, toda fronteira temporal desaparece e cria-se a ilusão de uma história se fazendo numa co-temporalidade do acontecimento com o fluxo da consciência do telespectador: o acontecimento mostrado, eu o vi, eu, em meu presente, ao mesmo tempo atual e intemporal, pois passado e futuro se fundem nele. No que se concerne ao espaço, a mídia televisual pode criar a ilusão do contato entre instância de enunciação e instância de recepção – na representação pela imagem de uma situação face a face entre essas duas instâncias (a posição do apresentador do telejornal, diante da câmera, logo, diante do telespectador, simula o face a face da situação de interlocução) (CHARAUDEAU, 2006, p.111)

Nesse contexto, no dia 20/06/2013, a edição do JN começou oficialmente às 20h30, mas desde às 17h49, William Bonner e Patrícia Poeta transmitiram, ao vivo, as manifestações que aconteciam em todo o País. Ao contrário de outras edições, a escalada

foi ao vivo e a edição foi totalmente diferente do que estava planejado, sendo dedicada exclusivamente as manifestações. Em alusão a missão do JN que é mostrar o que de mais importante aconteceu no Brasil e no Mundo, Bonner explicou porque a edição era diferente do normal: "o que mais importante aconteceu no Brasil no dia, esta acontecendo ao vivo, aos olhos dos telespectadores", declarou Bonner.

Desse modo, o JN continuou transmitindo ao vivo as manifestações que ocorriam no País, reforçando sempre que o movimento era pacífico, embora houvesse alguns atos de violência. No entanto, a quantidade de imagens que enfocaram atos violentos foram predominantes durante a edição do dia 20/06/2013, embora as informações que acompanharam as imagens destacassem que o movimento era pacífico, mas que infelizmente alguns acabavam com cenas de violência.

A impressão que se tem quando se ver o conjunto das narrativas estabelecidas – tendo em vista que a narrativa no telejornalismo se dá pela união entre palavra e imagem, e que a imagem tem muito poder quando se relaciona ao telejornalismo – é de que o movimento não era tão pacífico, pois ao passo que o telespectador ouvia o repórter e os âncoras dizerem que o movimento era pacífico, as imagens que ele via pela televisão eram de confronto e violência. Nesse ponto, cabe lembrar que "a informação na TV funciona a partir da relação texto/imagem" (PATERNOSTRO, 1999, p.63).

Pode-se afirmar que os destaques da cobertura do dia 20/06/2013 foram os atos violentos, a depredação do patrimônio público e o confronto com a polícia. Contudo, tais temas foram seguidos de explicações dos apresentadores de que o movimento era pacífico, mas que o jornalismo não podia deixar de mostrar tudo o que estava acontecendo, incluindo aí as manifestações violentas.

Observa-se que, diversas vezes, foi ressaltado pelos âncoras que a baderna era provocada por uma minoria, e que essa minoria podia ser identificada por esconder o rosto. Pois, de acordo com os âncoras, quem ia para protestar contra gastos excessivos com a Copa, contra a PEC 37, e para lutar por melhorias, não precisava se esconder. Ressalta-se, também, que durante toda a edição do dia 20/06/2013, repórteres e apresentadores fizeram questão de reforçar que os baderneiros (palavra que usaram para definir os que agiam com violência) não representavam as pessoas que estavam nas ruas, lutando por melhorias.

Cabe destacar que na edição de 20/06/2013, o JN dedicou um pequeno tempo para falar sobre a Copa das Confederações, abordando a chegada da seleção brasileira a Salvador; a goleada da Espanha sobre o Taiti e a partida entre Uruguai e Nigéria. Tal

apresentação deixou a impressão que o tempo dedicado a Copa das Confederações foi só para lembrar que ela ainda estava acontecendo no País.

De modo geral, a edição do JN do dia 20/06/2013 se resumiu as transmissões de imagens, ao vivo, das manifestações e as narrações de repórteres e âncoras acerca das imagens exibidas. Importante ressaltar que em determinado momento do JN, William Bonner se colocou no papel de instrutor-conselheiro, ao falar que havia circulado nas redes sociais, que na Argentina, quando estava ocorrendo manifestações, sempre que um pequeno grupo começava a fazer baderna, os que estavam só se manifestando se sentavam no chão. Daí, ficava fácil para a polícia identificar quem estava fazendo baderna. O caráter instrutivo ficou explícito ao final da informação, quando Bonner ratificou: "Bem, é só uma dica!".

Nesse ponto, cabe destacar que o apresentador de telejornalismo

> se expressa como se estivesse falando diretamente a cada indivíduo da coletividade dos telespectadores: ora participando sua própria emoção com relação aos acontecimentos dramáticos do mundo (enunciação elocutiva), ora solicitando sua atenção ou seu interesse, e mesmo interpelando-o (enunciação alocutiva), tudo isso com o auxilio de movimentos do rosto (mesmo os mais discretos), de certos tons de voz, da escolha de determinadas palavras (CHARAUDEAU, 2006, p.229)

Importante destacar que ao imprimir um caráter histórico às manifestações, o JN do dia 20/06/2013 buscou legitimar a cobertura. E, ao frisar, sempre que possível, a quantidade de horas que o JN já estava acompanhando os protestos (48min de fleches ao vivo e há mais de 3 horas ao vivo e de forma ininterrupta, acompanhando todas as manifestações), o telejornal buscou legitimar seu posicionamento discursivo, procurando reforçar com isso, sua isenção e pluralidade.

Na edição do dia 21/06/2013 também predominou a cobertura acerca das manifestações populares, especificamente sobre os desdobramentos das manifestações ocorridas no dia anterior e que foram mostradas ao vivo pelo JN.

Uma reportagem específica mostrou os manifestantes se sentando no chão para ajudar na identificação dos "vândalos" (denominação dada durante a cobertura para os que manifestaram de forma violenta). Importante lembrar que na edição de 20/06/2013, William Bonner deu um "conselho" instrutivo aos manifestantes, sugerindo que os mesmos deveriam se abaixar para ajudar na identificação dos baderneiros. Ao final da reportagem, Bonner elogiou a atitude e reiterou que "a violência produzida por uma minoria, não pode mancha um movimento pacífico".

No decorrer da edição, deu-se ênfase aos representantes do Movimento Passe Livre declarando que iriam manter a ordem e abordou também o destaque internacional dado as manifestações. Houve, ainda, uma entrada, ao vivo, de Galvão Bueno e três matérias em um mesmo bloco, falando sobre a Copa das Confederações. Todo o restante da edição foi dedicado às manifestações. De modo geral, a edição de 21/06/2013 destacou as ações de violência em diferentes cidades, ao final das manifestações, do dia 20/06/2013.

Importante destacar a exibição de um vídeo que não constituía nem uma nota coberta, nem uma reportagem, pois não havia sonora, nem passagem, nem off do repórter ou do âncora. Havia só as imagens e o som ambiente mostrando o vandalismo. Em seguida, foi exibida uma reportagem falando quanto custaria para as cidades recuperar tudo o que havia sido quebrado/destruído, destacando os danos ao patrimônio público e privado. Tudo isso, em conjunto, contribui para a construção de uma imagem negativa e violenta para as manifestações, o que de certo modo, deslegitimava o movimento definido como pacífico. Cabe destacar, também, que o JN do dia 21/06/2013 foi interrompido por um pronunciamento oficial da Presidenta Dilma Rousseff, realizado em cadeia nacional de rádio e televisão, acerca das mobilizações, onde a Presidenta declarou que estava ouvindo as vozes que vinham das ruas, mas somente das pessoas que se mobilizavam de forma pacífica, sem causar danos ao patrimônio público e/ou privado.

Desse modo, na edição do dia 22/06/2013, o JN iniciou com a pauta da Copa das Confederações, embora a escalada tenha sido quase totalmente dedicada às manifestações, aos atos de violência e a repercussão do pronunciamento oficial da Presidenta da República, ocorrido na noite do dia 21/06/2013.

Importante destacar que na edição de 22/06, ainda houve desdobramentos das manifestações ocorridas no dia 20/06. Entretanto, o JN já foi mais equilibrado no dilema entre cobrir a Copa das Confederações e/ou cobrir as manifestações populares.

Considerações finais

Após a análise, concluiu-se que o JN, aos poucos, diminuiu a cobertura da Copa das Confederações, ou seja, de protagonista na edição de 15/06/2013, a Copa das Confederações passou a coadjuvante nas edições de 17, 18, 19, 20 e 21/06, momento em que as manifestações populares ocuparam lugar de destaque na agenda midiática. Já na edição de 22/06, voltou a haver um equilíbrio entre as duas coberturas, tendo em vista que o próprio movimento deu uma trégua.

De modo geral, percebeu-se que, ao longo das edições, o JN buscou mostrar as manifestações populares como movimentos pacíficos. No entanto, ao atrelar as informações de pacificidade – presente nos offs – às imagens de atos violentos, contribuiu para a construção de novas representações e sentidos para os protestos. Quanto a esse aspecto, nota-se que ao se utilizar, predominantemente, de notas cobertas e de offs sobre imagens, mostrando um único ponto de vista, especificamente o do repórter ou do âncora, que estabelecia comentários acerca das imagens exibidas, o telejornal minimizou as possibilidades de construção de sentidos.

Observa-se também que no decorrer das edições analisadas os manifestantes que protagonizaram cenas de violência foram definidos como baderneiros e vândalos. Tais definições foram reforçadas pelos repórteres e pelo próprio poder público. No entanto, de modo geral, houve enquadramentos positivos e negativos acerca das manifestações.

É importante deixar claro, também, que em nenhum momento, o telejornal omitiu a pacificidade do movimento. Pelo contrário, tal pacificidade foi reforçada sempre. Entretanto, o discurso de pacificidade do movimento foi, na sua grande maioria, apresentado por meio da fala dos repórteres e dos âncoras, enquanto as imagens vinculadas (na sua grande maioria cenas de violência) transmitiram outros sentidos.

Importante destacar também que no decorrer das edições, em determinados momentos, chega-se a esquecer de que o Brasil estava sediando a Copa das Confederações, especificamente na edição do dia 20/06, tão grande foi o destaque dado as manifestações populares pela cobertura midiática. Afinal, no contexto atual, permeado pelas redes sociais, não dava para fingir e fazer acreditar que as manifestações não estavam acontecendo, como o JN tentou fazer crer no caso da Campanha pelas Diretas Já, por exemplo. Por isso, era necessária, por parte do JN, a adoção de um posicionamento televisivo que mostrasse isenção e pluralidade diante da opinião pública e da sociedade que se organizava civicamente por meio das redes sociais. Daí, por que em determinado momento, o JN precisou abrir mão de todo um planejamento definido para a cobertura da Copa das Confederações e dar destaque a um movimento que o próprio telejornal apresentou como evento histórico.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernando Antônio. Agendamento da Política. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org). **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens.** Salvador: Edufba, 2004. p. 41-72

BONNER, William. Jornal Nacional: modo de fazer. Rio de Janeiro: Memória Globo; Editora Globo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006a.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em Derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. São Paulo: Contexto, 2006.

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2010.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

PORTO, Mauro Pereira. Enquadramentos da Mídia e Política. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org). **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens**. Salvador: Edufba, 2004. p. 73-104
RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, Natureza e funções do discurso midiático. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SOUZA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 2000.

TRANQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.

VERÓN, Eliseo. **A Produção de Sentido**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1980.

_____. **Construir El Acontecimiento**. Buenos Aires-Argentina: Editorial Gedisa S.A, 1983.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1992.

_____. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2002.